

## MODELOS CONCEITUAIS ASSOCIADO AO CENÁRIO NA MONTAGEM DO IV FESQUIFF/2016

Jonas Defante Terra<sup>1</sup>  
Kátia Macabu de Sousa Soares<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma proposta de modelagem de evento cultural utilizando a conceituação do método de estratégia de atividade aplicado ao evento realizado ao longo de cinco meses do ano de 2016 no Instituto Federal Fluminense: IV Festival de Esquetes com configuração *multicampi*. A proposta de articulação entre a teoria e a prática acaba por fornecer material de apoio para a realização de planejamento que dimensiona melhor as estratégias de produção para horizontes de tempo determinado, conforme os processos, as atividades e a disponibilidade de recursos materiais e humanos, contribuindo, desta forma, para futuros eventos com configurações semelhantes, ou para outras edições do mesmo festival.

**Palavras-chave:** articulação teoria prática, modelagem de evento cultural, método de estratégia de atividade.

Defende-se que o “teatro brasileiro só apresentará um nível profissional elevado na medida em que houver um público culturalmente maduro para assisti-lo e sustentá-lo”, e que a formação desse público far-se-á a partir de uma experiência educacional integradora que inclua a aprendizagem da relação arte/vida (REVERBEL, 1979, p. ix). Tanto a educação quanto a profissionalização das ações produtivas do campo da cultura precisam da articulação da experiência prática e teórica para a construção dos saberes e fazeres.

Devido à complexidade das estruturas dos sistemas reais, às interações entre as subpartes que os compõem, a sua aleatoriedade e dinamismo, a simulação computacional, enquanto ferramenta, tem adquirido cada vez mais espaço dentro dos sistemas de produção na tentativa de conhecer melhor seus próprios processos, principalmente pela vantagem de obter respostas às questões “o que ocorre se...”, ou seja, de poder fazer inferências ao sistema e analisar os resultados sem a necessidade de parar o processo real (CHWIF e MEDINA, 2010).

Diante deste contexto, este trabalho está estruturado em seções. Para a primeira seção foi desenvolvido um contexto histórico numa perspectiva que situa o leitor quanto à missão, à visão e aos valores do Festival Nacional de Esquetes do IFFluminense. Na segunda seção, elaborou-se um estudo de modelagem dos processos identificados na produção cultural do festival, tais como elaboração e publicação de chamada pública, abertura e recebimento de inscrições de esquetes pelo site do evento, criação e envio de fichas de avaliação, avaliação e

---

<sup>1</sup> Instituto Federal Fluminense. jterra@iff.edu.br.

<sup>2</sup> Instituto Federal Fluminense. kmacabu@iff.edu.br.

publicação dos resultados e agendamento de veículos oficiais. Foram apresentadas, na terceira seção, informações que compõem o cenário do evento *multicampi*, bem como as descrições das etapas de seleção que balizam o processo avaliativo dos trabalhos submetidos. Por último, nas considerações finais, apresenta-se uma breve análise sobre a interação dos processos produtivos, a importância do modelo para o planejamento e a contribuição para a organicidade da produção cultural.

### **Festival Institucional**

O Teatro caminha com a Educação quando propõe que o homem se perceba com mais profundidade, se transforme pelo contato com o outro, se aprimore pelo exercício artístico e assim derrube todas as correntes que insistem em aprisioná-lo a formas, rótulos e conceitos (FIGUEIREDO; SANTOS; 2004, p. 4).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) vem, especialmente nos últimos anos, se firmando perante à sociedade como promotora também de saberes e fazeres artísticos e culturais. Viabilizou, em 2016, a quarta edição do festival de peças curtas, sem viés competitivo, oportunizando fruição, produção e formação artística, colaborando com a promoção e o fomento da arte teatral de cada região de abrangência do IFFluminense.

O Festival Nacional de Esquetes do Instituto Federal Fluminense (FESQUIFF) vem sendo proposto como projeto de extensão pela professora Kátia Macabu de Sousa Soares, que compartilha a produção com o Grupo Nós do Teatro e recebeu o apoio direto da Coordenação de Arte e Cultura do *Campus* Campos Centro em suas três versões anteriores ocorridas nos anos de 2009, 2012 e 2014. Desde de sua primeira versão, surgiu como uma possibilidade de, por meio do teatro, da arte e da cultura, promover-se o intercâmbio entre servidores, estudantes e comunidades no intuito de agregar todos os *campi* da instituição, bem como de outros institutos federais. A articulação dos saberes e fazeres dos distintos atores que intercambiaram as versões anteriores, culminaram em trabalhos artísticos e culturais proporcionados por estudantes, servidores da educação e profissionais de

O FESQUIFF objetiva, desde sua primeira versão, ampliar as possibilidades de intercambiar saberes e fazeres teatrais entre grupos amadores, formados nas universidades e escolas ou em cursos livres de teatro como forma de divulgar e de socializar a arte teatral para o público em geral, auxiliando na formação de plateia e na capacitação de jovens atores.

Buscou contemplar, ainda, os objetivos previstos no Plano Nacional de Cultura “[...] valorizar e difundir as criações artísticas e bens culturais; [...] universalizar o acesso à arte e a cultura; estimular a presença da arte e da cultura no ambiente educacional [...]” (PNC, 2010).

Ocorre que ao longo de sua existência, foi-se verificando que ainda não havia se alcançado uma real ação *intercampi*, mesmo tendo contado com as valorosas participações de servidores e estudantes do *campus* de Bom Jesus de Itabapoana, na primeira edição, e do *campus* Itaperuna, na segunda. Definiu-se por um novo formato na quarta edição, a partir da avaliação feita pelos componentes do Grupo e da certeza de que a capilaridade da instituição existente atualmente permitiria desenvolver uma ação *multicampi* para atender mais especificamente as vertentes de: ampliação de público; acesso ao teatro a públicos que não o tem com facilidade, e possibilidade de capacitação, por meio de oficinas de artes, especialmente para os interessados pela arte teatral e para os componentes dos grupos amadores de todo interior fluminense.

Nestes tempos em que o ser humano se encontra cada vez mais dominado pelo sistema capitalista, que transfere para o capital e o consumo os valores da vida dos indivíduos, torna-se emergencial ressaltar os valores culturais e o interesse pelas artes demonstrado por alguns segmentos da sociedade pós-moderna. Neste contexto, torna-se fundamental compreender, discutir e fruir teatro como instrumento de transformação social numa possibilidade de mudança de cena – tanto no palco como na vida. Enfim, experienciar o fazer teatral numa proposta considerada humanizadora como formação integral do homem: sujeito político, estético e social.

## **Festival e Modelagem**

Segundo Simões (1995, apud MATIAS, 2013) “evento é um acontecimento criado com a finalidade específica de alterar a história da relação organização-público, em face das necessidades observadas”. Geralmente, provoca fortes emoções para os participantes, promotores e organizadores e, enfim, para todos que partilham as atividades que compõem seu universo (ZANELLA, 2012, p. 1). Acrescenta-se a esta conceituação a caracterização que Meirelles (1999) apresenta para evento:

Um instrumento institucional e promocional utilizado na comunicação dirigida, com a finalidade de criar conceito e estabelecer imagem de organizações, produtos, serviços, idéias e pessoas por meio de um acontecimento previamente planejado a ocorrer em um único espaço de tempo com aproximação entre os participantes, quer seja física, quer seja por meios de recursos de tecnologia (MEIRELES, 1999, p. 21).

Além de promover o envolvimento dos municípios, os festivais, eventos culturais e festas temáticas, enquanto atividades que possuem representatividade significativa para a comunidade, proporcionam a oportunidade de receber visitantes, promovendo a localidade e impulsionando a economia local (TUM, NORTON e WRIGHT, 2007).

Para organizar e planejar um evento, Matias (2013) propõe algumas fases: i) Concepção: incorporação da ideia; ii) Pré-evento: planejamento e organização; iii) Per ou Transevento: realização; iv) Pós-evento: avaliação e encerramento. Na fase de concepção do evento, é preciso reconhecer as necessidades, elaborando as alternativas de suprimento, identificando os objetivos específicos, coletando informações, listando resultados desejados, estimando exequibilidade econômica e técnica, de tempo e recursos, estabelecendo diretrizes e elaborando contornos de projeto (MATIA, 2013, p. 153-154).

Um estudo do modelo de simulação pode economizar tempo e recursos no desenvolvimento de projetos, trazendo ganhos de produtividade e qualidade. Segundo Schriber (1974, *apud* FREITAS FILHO, 2008, p. 21) “simulação implica na modelagem de um processo ou sistema, de tal forma que o modelo imite as respostas do sistema real numa sucessão de eventos que ocorrem ao longo do tempo”. Pegden (1991, *apud* FREITAS FILHO, 2008, p. 22) apresenta outra definição, “simulação é o processo de projetar um modelo computacional de um sistema real e conduzir experimentos com este modelo com o propósito de entender o seu comportamento e/ou avaliar estratégias para sua operação”.

Para se efetivar um modelo a partir de uma abordagem conceitual do sistema, é preciso adotar uma determinada maneira de se observar ou ver os sistemas do mundo real. O estabelecimento de uma “visão da realidade dos sistemas ou do mundo (*World View*) objetiva designar, especificamente, que abordagem ou visão será dotada (FREITAS FILHO, 2008, p. 87). Segundo Freitas Filho (2008), existem três diferentes métodos de modelagem associados: Modelagem por eventos; Modelagem por atividades; Modelagem por processos.

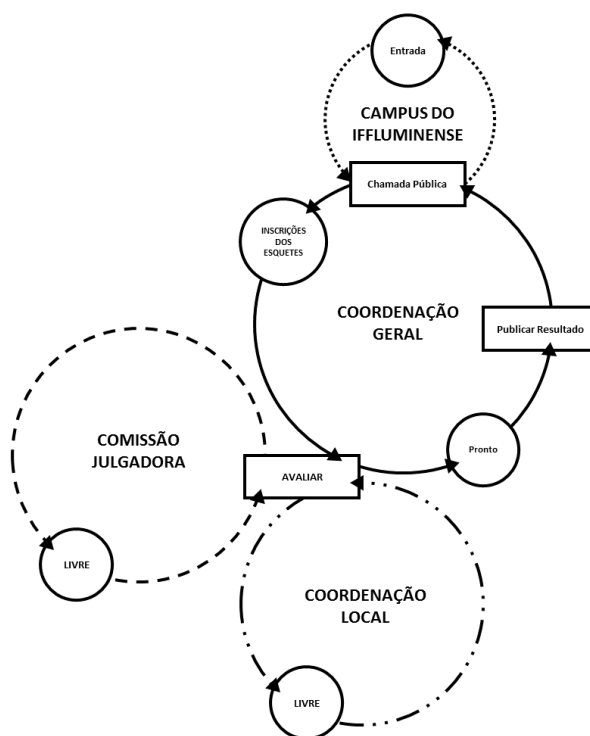
- a) *Estratégia de evento*. O analista especifica quando ocorrem as ações do modelo. Esta estratégia é baseada na programação das ações em certos instantes no tempo. Assim, é construída uma Lista de Eventos Futuros (LEF) e o relógio de simulação é sempre avançado para o evento mais próximo.
- b) *Estratégia de atividade*. O analista especifica as causas para as ações ocorrerem no modelo, sendo estas baseadas nas precondições para uma determinada atividade ocorrer. Sua função básica é varrer todas as atividades uma de cada vez, testando o seu começo ou o seu final.
- c) *Estratégia de processo*. O analista especifica as entidades e descreve todas as sequências de ações de cada uma delas, individualmente. Seria como se fosse executada uma simulação para cada entidade em separado e, para integrá-las, existissem comandos que habilitassem ou desabilitassem a execução de cada ciclo baseados nas interações entre as entidades. (CHWIF e MEDINA, 2010, p. 67)

Para representar o sistema real do IV Festival Nacional de Esquetes do IFFluminense foram criados modelos associados ao método de estratégia de atividade, a partir da abordagem

conceitual *Activity Cycle Diagram* (ACD) que busca modelar as interações entre objetos pertencentes a um sistema, conforme as Figuras 1 e 2. As vantagens deste modelo são: simplicidade; habilidade de mostrar, explicitamente, as interações; facilidade de entendimento e utilização; possibilidade de simular manualmente. As desvantagens são: os diagramas se tornam inteligíveis à medida que aumenta a complexidade do sistema; não captura toda a lógica do modelo, especialmente para os modelos com lógica mais complexa (CHWIF e MEDINA, 2010, p. 68-69).

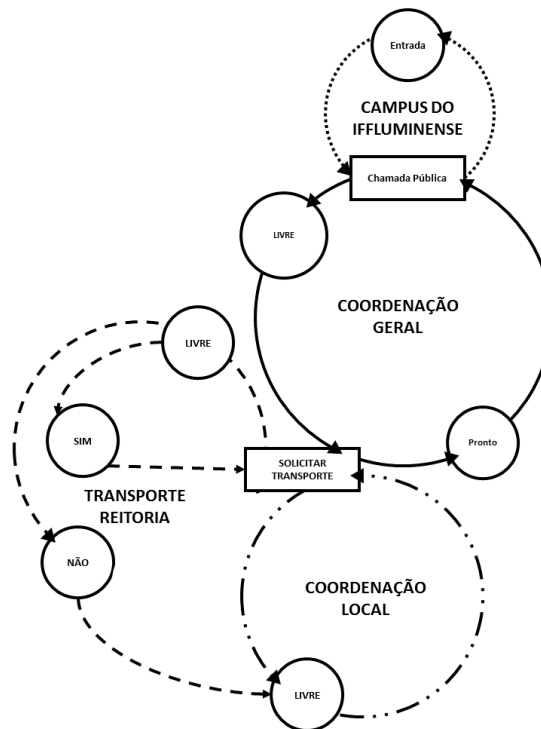
Outra técnica de modelagem conceitual também escolhida foi a *Integrated computer aided manufacturing DEFiniton methodology* para SIMulações (IDEF-SIM), proposta por Montevechi et al. (2010). Esta técnica se apresenta eficiente na representação de sistemas simulados e tem como um dos principais benefícios a simplificação do modelo, em que a descrição documental pode ser desenvolvida sem ambiguidades, afirmam Nunes e Rangel (2009). Conforme a avaliação de Souza e Rangel (2014) é positiva a aplicação da linguagem IDEF-SIM para a construção de modelos conceituais a serem empregados na elaboração de modelos de simulação a eventos discretos.

FIGURA 1 – Modelo conceitual do IV FESQUIFF utilizando ACD para inscrições de esquetes



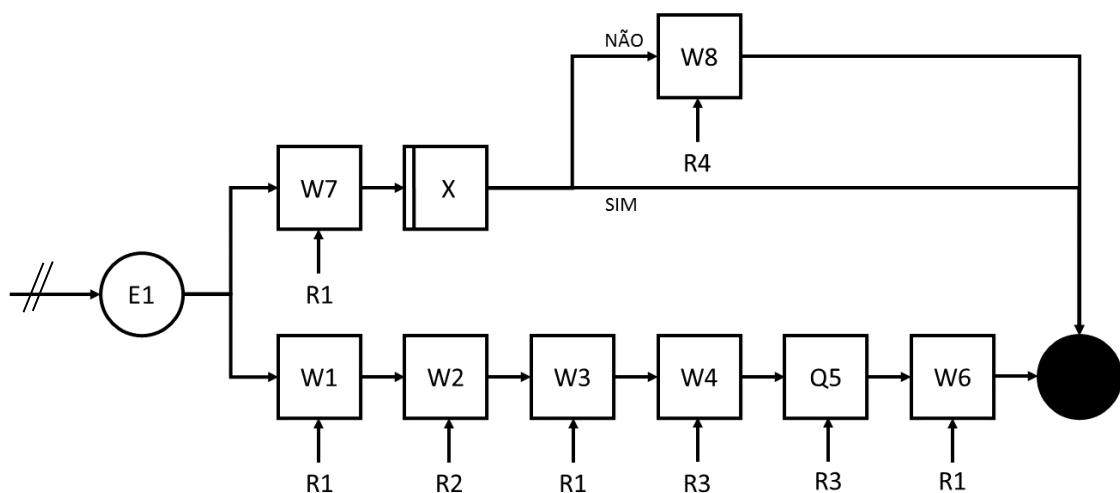
Fonte: Autoria própria

FIGURA 2 – Modelo conceitual do IV FESQUIFF utilizando ACD para agendamento de transporte



Fonte: Autoria própria

FIGURA 3 – Modelo conceitual do IV FESQUIFF utilizando a linguagem IDEF-SIM



Fonte: Autoria própria

- E0: Publicação do edital local de chamada pública para IV FESQUIFF
- W1: Abrir as inscrições de esquetes no site do evento (Recurso: Coord. Geral)
- W2: Receber inscrições dos esquetes (Recurso: Candidados)

- W3: Criar e enviar fichas de avaliações para os esquetes inscritos (R.: C.G.)
- W4: Avaliar as fichas dos esquetes inscritos (Recurso: Comissão Julgadora)
- Q5: Aguardar o envio das avaliações realizadas pelos componentes da comissão
- W6: Publicar o resultado dos esquetes selecionados pela comissão (R.: C.G.)
- W7: Solicitar agendamento de veículo para o setor de Transporte da Reitoria (C.G.)
- W8: Solicitar agendamento de veículo para a Coordenação Local

A última técnica aplicada ao sistema simplifica os modelos anteriores e descreve os processos e os recursos sem ambiguidade, associando-as e objetivando a visão do sistema. A partir desse último modelo conceitual, um modelo de simulação computacional pode ser desenvolvido em qualquer linguagem de programação compatível.

### **Festival Nacional de Esquetes do IFFluminense 2016**

A partir do regimento do festival, as 10 (dez) direções gerais dos *campi* do IFFluminense elaboraram e publicaram um edital de chamada pública para inscrições de esquetes teatrais, informando o período e o local de realização do evento em seu município. Também informaram, por este instrumento, as datas de apresentação dos espetáculos do Grupo Nós do Teatro, assim como a realização das oficinas artístico-culturais. As inscrições dos esquetes foram realizadas pelo site do evento (<http://iv.fesquiff.iff.edu.br>) com submissão de um arquivo compactado contendo formulário de inscrição, três fotos de alta resolução (300 dpi), texto completo do esquete, mapa de cenário e proposta de direção. Os representantes dos grupos/companhias/produções teatrais puderam submeter quantos esquetes desejassem, desde que cada proponente submetesse apenas um esquete por inscrição.

A Coordenação Geral do FESQUIFF elaborou para cada esquete inscrito uma ficha de avaliação eletrônica, pelo formulário do Google Drive, contendo o vídeo do esquete postado no Youtube, o texto completo, o mapa de cenário e proposta de direção. Na ficha de avaliação também foram colocados os critérios estabelecidos pelo regulamento do festival: Interpretação, jogo cênico e dinâmica; Dramaturgia e Roteiro; Utilização dos elementos cênicos; Impostação vocal. As fichas foram enviadas por e-mail para cada integrante da comissão julgadora composta por um representante da Reitoria do IFFluminense; um professor de teatro da instituição; um integrante do Grupo Nós do Teatro; um estudante bolsista da área cultural; um

representante do *campus* (coordenador local do FESQUIFF); um professor da área teatral convidado externo e a coordenadora geral, como voto minerva em caso de empate.

Conforme previa os editais de chamada pública para cada *campus* do IFFluminense, os integrantes da comissão julgadora respeitaram os prazos de análise para atender as datas de publicação do resultado dos esquetes selecionados. Para cada chamada, os resultados foram publicados no site do evento pela Coordenação Geral do festival, com o apoio do bolsista do projeto, assim como foram enviados e-mails oficiais para os selecionados e postados comunicados na rede social (facebook.com/IVFESQUIFF).

A Tabela 1 demonstra os cronogramas dos editais nos *campi* do IFFluminense, apresentando as confluências dos períodos de inscrições e de análise da comissão julgadora.

TABELA 1 – Cronogramas do IV FESQUIFF

CAMPUS	Período de inscrição de esquetes	Análise da comissão julgadora	Resultado dos esquetes selecionados	Oficinas de artes	Apresentação do Grupo Nós do Teatro	Apresentação dos esquetes
Campos Centro	08/07 a 05/08	05 a 12/08	14/8	31/08 e 01/09	30/8	31/8
Cabo Frio	25/07 a 07/10	08 a 30/10	31/10	20/08 e 24/09	11/11	12 e 13/11
Quissamã	27/07 a 23/09	26/09 a 14/10	17/10	19/11	26/11	26/11
Santo Antônio de Pádua	27/07 a 22/09	23/09 a 13/10	14/10	5/11	4/11	5/11
Campos Guarus	01/08 a 15/09	16 a 29/09	30/9	20/8	14/10	15/10
Cambuci	01 a 30/09	03 a 10/10	12/10	25 e 27/10	27/10	27/10
Itaperuna	30/08 a 12/09	13 a 23/09	26/9	5/10	6/10	7/10
Macaé	22/09 a 28/10	29/10 a 16/11	17/11	30/11	30/11	30/11 e 07/12
Maricá		---		07/10	10/10	10/10
São João da Barra	19/09 a 16/10	17/10 a 28/11	1/11	25/11	25/11	24/11

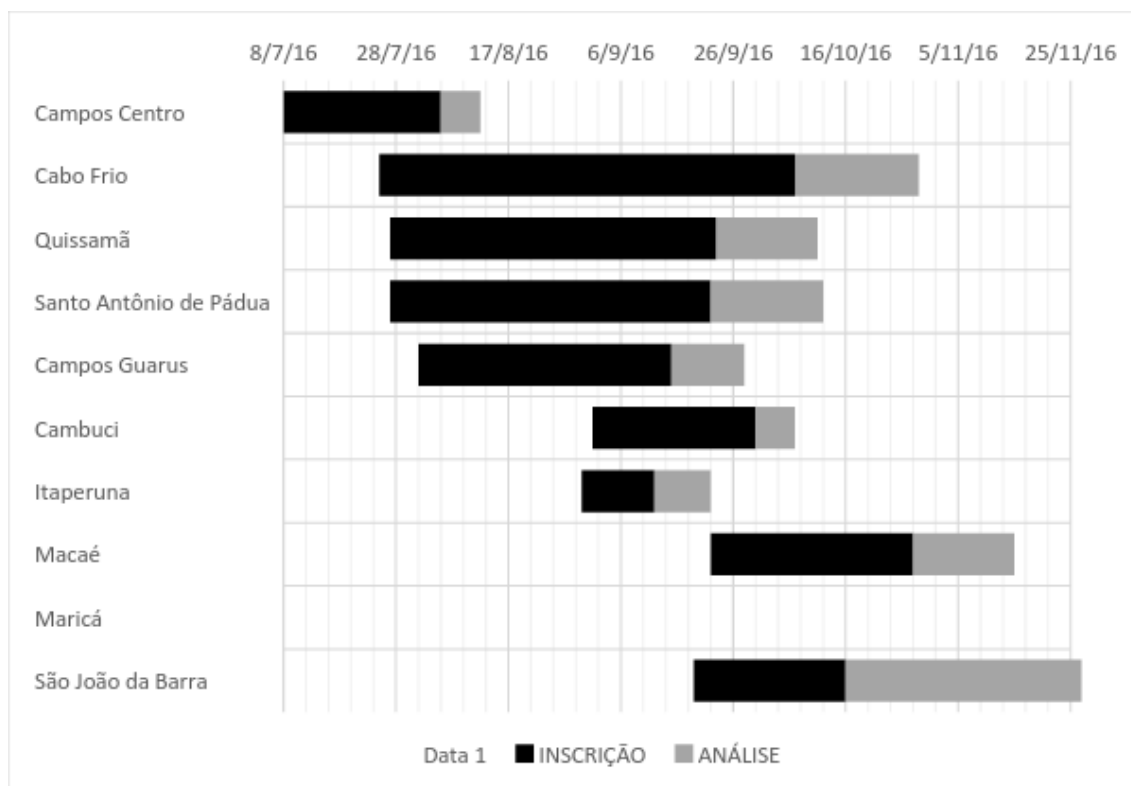
Fonte: Autoria própria

A direção geral do campus Maricá não pleiteou elaborar e publicar um edital de chamada pública para receber inscrições de esquetes, mas abarcou o festival colaborando com a realização de uma oficina, a apresentação do espetáculo “Os inimigos não mandam flores” do Grupo Nós do Teatro e o esquete “Alma Cega” da companhia maricaense Lacraia’s Produções para os estudantes e servidores da unidade escolar.

O Gráfico 1 demonstra os períodos de inscrição para esquetes e os períodos de análise da comissão julgadora, confirmando as diferenças dos prazos estabelecidos pelos *campi* para

estas duas etapas do edital de chamada pública. Pode-se observar que o *campus* Cabo Frio apresentou o maior período de inscrição com 74 (setenta e quatro) dias de duração e os *campi* Cambuci e Campos Centro com o menor período de análise da comissão julgadora de apenas 07 (sete) dias.

GRÁFICO 1 – Períodos de inscrições e análises da comissão julgadora



Fonte: Autoria própria

## Considerações Finais

A criação de modelos conceituais associado ao cenário que descreve a configuração da submissão de esquetes que compuseram a programação do festival auxilia na definição das metas e estratégias, bem como contribui para a formulação de planos para atingi-las, administrando os recursos humanos e físicos, direcionando a ação dos recursos humanos sobre os físicos e acompanhando esta ação. Permite também a correção de prováveis desvios, uma vez que concebido o modelo é possível simular para planejar as futuras edições.

A partir deste estudo são possíveis estabelecer níveis de planejamento que consistem em dimensionar estratégias de produção para horizontes de tempo determinados segundo os processos, as atividades e disponibilidade de recursos. O objetivo de planejar é obter um direcionamento da equipe de produção em relação ao seu ambiente de atuação. Neste sentido,

identifica-se a necessidade de estabelecer o horizonte do *forecasting*; no mínimo, igual ao maior tempo de resposta da organização.

Este trabalho poderá contribuir para futuras edições do FESQUIFF do IFFluminense, bem como para outros eventos, que buscam compreender os processos e as atividades inerentes aos festivais que realizam submissões de trabalhos perpassando diversos setores que compõem a organicidade da produção cultural.

## REFERÊNCIAS

- CHWIF, Leonardo; MEDINA, Afonso C. Modelagem e simulação de eventos discretos: teoria e aplicações. 3. ed. São Paulo: Ed. do Autor, 2010.
- FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de; SANTOS, Clóvis Domingos dos. . A Terceira Idade da Vida, A Terceira Margem do Rio, O Terceiro Olhar da Arte: Des (re) Construindo Imagens através dos Jogos Teatrais. In: *I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto*, 2004, Mariana - MG. I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, 2004.
- FREITAS FILHO, Paulo José de. Introdução à Modelagem e Simulação de Sistemas com Aplicações em Arena. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008.
- MATIA, Marlene. *Organização de eventos: procedimentos e técnicas*. 6. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2013.
- MEIRELLES, Gilda Fleury. *Tudo sobre eventos*. São Paulo: Editora STS, 1999.
- NUNES, A. F.; RANGEL, J. J. A. Aspectos da aplicação do IDEF-SIM na construção de modelos de simulação com Arena. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA OPERACIONAL, 41., 2009. Porto Seguro, BA. *Anais...* Porto Seguro, 2009.,p. 2271-2282.
- REVERBEL, Olga. *O Teatro na Sala de Aula*. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- SOUZA, A. A.; RANGEL, J. J. A. Unified modeling of discrete event and control systems applied in manufacturing. *Vértices*, v. 16, p. 57-74, 2014.
- TUM, J.; NORTON, P.; WRIGHT, J. N. Management of Event Operations. In: *Tourism Management*. v. 28. Elsevier Heinemann, New York, 2007. p. 937-938.
- ZANELLA, Luiz Carlos. *Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.